

MEMÓRIA E TESTEMUNHO NO ROMANCE *CONVERSACIÓN AL SUR*

MEMORY AND TESTIMONY IN ROMANCE *CONVERSACIÓN AL SUR*

Luana Isabel Silva de ASSIS¹

Giselle Bomfim CERQUEIRA^{2 3}

Resumo: Este estudo propõe uma discussão sobre as relações entre memória e o testemunho a partir da narração, por duas mulheres, dos eventos traumáticos resultantes da ditadura militar em países latino-americanos, no romance *Conversación al Sur*, da escritora argentina Marta Traba.

Palavras-chave: Memória; Testemunho; Marta Traba; *Conversación al Sur*.

Abstract: This study proposes a discussion about the relations between memory and testimony from the narration, by two women, of the traumatic events resulting from the military dictatorship in Latin American countries in the novel *Conversación al Sur*, by the Argentinian writer Marta Traba.

Keywords: Memory; Testimony; Marta Traba; *Conversación al Sur*.

Observamos nas últimas décadas a presença da memória como elemento central em produções acadêmicas, devido a sua notoriedade quando se fala em retomar o passado das catástrofes do século. Como uma representação seletiva do passado, a memória que tratamos neste trabalho é aquela que narra o trauma e pertence a um coletivo que vivenciou um mesmo momento histórico.

Essa revisão do passado é importante para o entendimento do presente e pode ser uma forma de libertação para aqueles que ainda carregam marcas dolorosas de um passado traumatizante. Assumindo, pois, este entendimento, é que tomamos como ponto principal observar a função desempenhada pela memória nas narrativas testemunhais e

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail: luanaisabel@hotmail.com. Bolsista FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail: gisellecerqueira@gmail.com.

³ O artigo aqui apresentado foi parte do projeto de iniciação científica intitulado “Poder, memória e história em narrativas testemunhais latino-americanas”, que ocorreu entre agosto/2014 e julho/2015, sob a orientação da Prof.^a Dra. Raquel da Silva Ortega. O projeto contou com o apoio da Universidade Estadual de Santa Cruz e da FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

através de pesquisa de cunho bibliográfico trazer considerações sobre a memória e o testemunho.

Tendo em vista o extenso número de produções inseridas no gênero testemunhal, selecionamos a narrativa *Conversación al Sur*, obra literária latino-americana em língua espanhola de autoria da escritora argentina Marta Traba, intelectual representativa para seu país e que produziu diversas obras no campo da literatura testemunhal. Sua escrita está inserida no campo dos escritores que, guiados pelo engajamento político, utilizam-se do texto literário para denunciar o terrorismo e a repressão ocorrida durante a ditadura militar.

O golpe militar em 1976 na Argentina resultou na queda do presidente Juan Domingos Perón do poder e foi marcado por um período no qual a ditadura, através de perseguições e assassinatos, buscava combater o peronismo e as correntes socialistas e comunistas da época. Os setores populares reivindicavam por seus direitos trabalhistas e sociais e, segundo Grandis (1992), o peronismo sempre esteve ligado às demandas sociais dos âmbitos populares e para os setores militares este movimento era visto como um fenômeno irracional.

Esse período é reproduzido em *Conversación al Sur*, onde as personagens principais, Irene e Dolores, vítimas de opressão e violência, retomam através da memória alguns fatos e, por meio destes, mostram-nos um panorama do regime ditatorial e as marcas físicas e psicológicas que elas possuem e que estão comportadas em suas memórias.

Nessa perspectiva, Moraña (1995) afirma que o testemunho foi considerado uma literatura de resistência, visto que se distancia das formas canônicas ao tratar de questões polêmicas, em vários níveis, no contexto cultural contemporâneo. O “gênero testemunho”, afirma a estudiosa, “foi instituído pelo concurso literário de Casa de las Américas nos anos 70” (MORAÑA, 1995, p. 491)⁴ sobre a base de empréstimos de outras modalidades, impedindo que se reivindicasse a autoria individual de uma obra construída a partir de relatos de terceiros. Ainda de acordo com a autora, por volta dos anos 1990, a expressão “literatura de testemunho” passou a aparecer constantemente nos meios literários e na imprensa, refletindo o quanto os relatos produzidos nesse período preenchem os espaços deixados pela historiografia. Assim, o testemunho produzido

⁴ Todas as traduções do espanhol para o português são de nossa autoria, salvo diversa indicação.

pelos exilados em decorrência das ditaduras, “viabiliza a entrada na cultura letrada das vozes de outras identidades, das vozes até então silenciadas [...] da interpretação ‘não oficial’ da História” (CALDAS, 2010, p. 4).

Para Moraña (1995, p. 489) o gênero testemunhal é caracterizado por três aspectos: “é produzido por ou a partir da informação dada por um testemunho de quem esteve presente e participou dos fatos narrados”; é direcionado por uma “vontade documentalista” que está relacionada com a “preocupação por investigar ou dar a conhecer um determinado caso que se considera ilustrativo”; é determinado por uma forte relação entre “ficção e realidade”. Estes três aspectos circulam entre a subjetividade e a objetividade, sendo este gênero a realização de diversas transformações de versões, no qual a subjetividade do autor e do personagem se entrelaçam. A autora (1995) aponta que

Documentalismo, história oral, ficção documental, testemunho/testemunhalismo, romance testemunho, literatura de resistência, romance-verdade são todos termos que introduzem a distintos aspectos relacionados ao mesmo fenômeno geral: o entrecruzamento de narrativa e história, a aliança de ficção e realidade, à vontade, enfim, de canalizar uma denúncia, dar a conhecer ou manter viva a memória de feitos significativos, protagonizados, em geral por atores sociais pertencentes a setores subalternos, cuja peripécia passa à literatura seja como testemunho direto, seja através da mediação de um escritor que revela sua história. (MORAÑA, 1995, p. 488).

Qualquer relato histórico edificado a base das impressões e visão pessoal do autor encaixa dentro do gênero testemunhal. A caracterização fundamental do testemunho é o uso ativo e constante da primeira pessoa, e em todo caso de seu plural de modéstia. Assim, De Marco (2004, p. 47) categoriza o testemunho em dois tipos: “o testemunho romanceado – o jornalístico e o etnográfico ou sócio-histórico” em que “o autor edita o depoimento da testemunha e cerca-o de prólogo e/ou notas, marcando, ao menos aparentemente, a separação entre ambos discursos”. O segundo é o “romance-testemunho ou o pseudo-testemunho” – que caracteriza a obra em análise –, no qual “o autor mobiliza elementos de composição da ficção para recriar eventos violentos a partir de relatos de testemunhas e de vários tipos de documentos” (DE MARCO, 2004, p. 47). Seligmann-Silva (2008) afirma que

Todo testemunho é único e insubstituível. Esta singularidade absoluta condiz com a singularidade da sua mensagem. Ele anuncia algo

excepcional. Por outro lado, é esta mesma singularidade que vai corroer sua relação com o simbólico. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72).

O autor estabelece a relação memória-história, enfatizando que a memória é o instrumento utilizado por indivíduos que passaram por situações traumáticas para manter viva a “história” de determinados acontecimentos (SELIGMANN-SILVA, 2008). No entanto, muitas vezes, a história recuperada pela memória não coincide com a história oficial, nem é cronológica ou mesmo lógica, sofrendo influência de fatores subjetivos/simbólicos/emocionais e apresentando um contraponto em relação aos relatos oficiais.

O testemunho, como gênero que resgata as experiências da memória, adquire características especiais quando escrito por mulheres ou quando retratam questões femininas. Neste aspecto, Castello Branco (1991) afirma que não quer dizer que a escrita feminina é algo produzido apenas por mulheres, mas que há algo de relativo às mulheres. Esses textos se distinguem dos demais por apresentar um tom, um ritmo, uma dicção, uma respiração diferenciados, sendo que esta escrita prioriza mais a forma como se diz e não o que se diz, além de, conforme a mesma autora relacionar-se ao caráter nostálgico, ao retorno ao passado, à tentativa de resgatar o vivido, a experiência original (ou a própria origem). Em consonância, Borda considera:

Uma narração direta, reiterativa, emotiva, mais semelhante à tradição oral que o texto masculino. A escrita masculina é mais especulativa, mais capaz de armar um panorama geral que englobe os detalhes, mais impudica na confissão de realidades humanas, mais sexual (na atualidade, claro). A feminina, paralelamente, resulta mais emocional, melhor dotada para ver os detalhes que a totalidade, mais pudica (ou romântica) para contar a relação amorosa; prefere, sem dúvida, o erotismo à pornografia (BORDA, s.d., p. 346).

Contrariamente aos pensamentos de Borda (s/d) e Castello Branco (1991), entendemos que a escrita feminina não se restringe a esses traços. No que se refere à literatura de testemunho, especificamente, a mulher assume uma posição antes destinada quase que exclusivamente aos homens: passa a assumir a autoria do que escreve, circulando nos meios literários e relatando, do ponto de vista do sujeito subalterno, temas decorrentes ao trauma ditatorial, exílio e repressão. Diverge, dessa forma, do que se espera de uma escrita “feminina”, a exemplo de temáticas relacionadas ao ambiente

doméstico e familiar, herdados da história e que não correspondem ao espaço social que a mulher ocupa, atualmente.

A inquietação produzida pela disparidade da escrita de testemunho realizada por mulheres e a escrita convencionalmente aceita como “feminina” é o que move esse estudo, interessado em investigar como se constrói o gênero testemunho na obra *Conversación al Sur*, de Marta Traba. O contexto histórico-social da América Latina é tomado em consideração para contextualizar a temática da obra em estudo e a vigência do gênero testemunhal e da escrita feminina que diverge da esperada e que é instrumento de resistência para desconstruir o papel histórico tradicionalmente conferido à mulher, além de discutir as tensões vividas durante o exílio por Marta Traba.

I - Memória

Andreas Huyssen (2000) inicia o primeiro capítulo de seu livro, *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, afirmando que a memória é uma preocupação cultural e política das sociedades ocidentais e podemos perceber esse fenômeno dentre outros fatos, pelo crescimento das produções literárias testemunhais, memorialistas, autobiográficos, etc.

A memória é componente imprescindível para a identidade individual ou coletiva. É o espaço onde conservamos determinadas informações, que nos leva primeiramente a um conjunto de funções psíquicas, responsáveis pela atualização de impressões ou informações passadas, ou que representamos como passadas, como define Jacques Le Goff (1994).

Ele ainda aponta que a memória coletiva é um objeto de poder e essa busca pelo domínio das recordações e tradições é melhor compreendida nas sociedades onde estão se constituindo uma memória coletiva escrita (1994, p. 476). Seligmann-Silva (2008), seguindo o que foi observado por Aristóteles, acrescenta que as impressões e informações estão agrupadas em nossa memória como imagens:

[...] a memória, devido ao seu caráter de arquivo de imagens, pertence à mesma parte da alma que a imaginação: ela é um conjunto de imagens mentais das impressões sensuais, com um adicional temporal; trata-se de um conjunto de imagens de coisas do passado. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.74).

Quando pensamos na memória que nos leva a fatos que marcaram positivamente ou negativamente uma sociedade, convém discutir sobre as considerações em relação à memória coletiva. Michael Pollak (1989) em *Memória, Esquecimento, Silêncio* apresenta as análises de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva, que apontam que a memória individual e a memória da coletividade são compostas por diversos pontos de referência, como as tradições, os costumes, momentos históricos, entre outros elementos que nos passam a sensação de pertencimento a um mesmo grupo e que nos diferencia de outros. Ao mesmo tempo em que nossa memória seleciona alguns fatos, existe uma conciliação entre memória coletiva e memórias individuais, pois

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 1968, p.12).

A memória coletiva seria o meio por onde um indivíduo relata histórias do seu passado e contribui para a construção da memória dos demais membros que constituem o grupo ao qual ele pertence. A perda dessa memória é prejudicial para a construção da identidade coletiva, pois é através dela que são reveladas as formas de manipulação às quais muitas sociedades se veem expostas.

Outras abordagens propostas por Halbwachs dizem que não existem lembranças individuais e o afastamento do grupo ao qual a memória estava ligada faz com que ela se esgote, assim a memória não está materializada no corpo ou na mente e sim nos grupos que compõem uma sociedade. Devido a isso, o indivíduo necessita de certas convenções sociais para se recordar e de outras pessoas para legitimar suas recordações.

Nesta linha de discussão, Walter Benjamin (1983), em suas pesquisas, afirma que a memória individual é formada por tudo o que uma pessoa viveu em diversos grupos e essas diversas influências recebidas formam um conjunto de memórias coletivas que originam as experiências individuais de cada pessoa, sendo assim a memória individual é a combinação de várias coletivas.

No entanto, será que podemos considerar a existência real de um consenso entre as memórias individuais que nos leve a afirmar que um coletivo possua as memórias sobre

um fato? Segundo Huysen (2000), os fundamentos de Maurice Habwachs não comportam a sociedade atual, que além de sofrer a influência do tempo, da mídia e do esquecimento, são formadas por grupos políticos, sociais e étnicos divergentes. Como nossa pretensão não é defender uma dessas posições, mas sim apresentar questões em relação à memória que consideramos oportunas para compreendê-la no contexto desta pesquisa, passamos agora para uma preocupação em relação à memória: o medo de esquecer.

Recuperar a memória é uma possibilidade de entender o passado e trazer as discussões em torno do que ocorreu nele para o presente. Essa retomada ao passado, segundo Beatriz Sarlo (2006), tem a tarefa de questionar os destinos da nação e reconstruir as crenças e os valores despedaçados pela violência. Voltar a pensar o futuro depois de anos de silêncio, corresponde a retornar e buscar um sentido para as experiências vividas.

Sendo assim, o esquecimento representaria uma ameaça para a memória. Segundo Márcio Seligmann-Silva (2003), não existe um tempo e nem fatos determinados para esquecer e lembrar, pois não é possível controlar nossa memória. O limite entre o que será lembrado ou esquecido será guiado pela intensidade do que o evento representou para o indivíduo. No caso dos exilados que tiveram que sair do seu lugar de origem para ocupar outros espaços, o esquecimento é ainda mais severo, pois eles terão que reconstituir um passado através de lembranças fragmentadas.

O teórico também compreende que o ato de rememorar e de narrar as catástrofes está relacionado com a resistência, pois, “A memória – assim como a linguagem, com seus atos falhos, torneios de estilo, silêncios etc. – não existe sem a sua resistência.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.52). Assim o sobrevivente irá reelaborar os fatos ocorridos e criar a sua linguagem, sua forma de expressar o que é indizível.

Pode ser complexo pensar na memória e a todas essas questões a que ela está ligada, o que não nos resta dúvida é sobre o seu valor para o homem, para sua história e para construção de um futuro.

II - *Conversación al Sur*: uma narração do trauma

Narrar o trauma tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer. (Márcio Seligmann-Silva)

No Cone Sul surge uma literatura de resistência devido à repressão do regime ditatorial. Ela denuncia a ditadura e narra o horror. Dentre textos literários de resistência, encontra-se *Conversación al Sur* (1981), que é uma obra ficcional da escritora argentina Marta Traba, que atuou como escritora, crítica literária e jornalista. Por conta de perseguições políticas viveu em condição de exilada por muitos anos, o que a obrigou a residir em diversos lugares, dentre eles Bogotá e Paris. Morreu em terras espanholas após um acidente de avião no ano de 1983.

A partir de sua experiência como exilada e de tudo que presenciou, Marta Traba narra em *Conversación al Sur* os atos abusivos da ditadura nas décadas de 1970 e 1980 no Cone Sul da América (Buenos Aires, Montevideo e Santiago). Esta obra, como outras que narram catástrofes históricas, possui o comprometimento com o “real”, com a memória das vítimas e com a sociedade, pois como assinala Seligmann-Silva (2008, p.74), a memória do trauma de acontecimentos danosos em massa é um compromisso do trabalho de memória individual e o trabalho que é construído pela sociedade.

O trauma “[...] é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal”. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69), ou seja, o testemunho tem valor no presente mesmo sendo de um fato do passado. É importante salientar que é complexa essa questão da narração do trauma, pois esses testemunhos são questionados no que tange ao seu compromisso com o real da história.

Ocorre que muitos historiadores enxergam as narrativas testemunhais como fontes não fidedignas da realidade, por conta da presença do imaginário nestas obras ficcionais. Seguindo esta linha, os fatos contidos em *Conversación al sur* e em outras narrativas testemunhais podem ser interpelados, mas contrapondo a esta visão devemos considerar que,

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70).

A imaginação a qual o escritor recorre não retira a idoneidade e valor do texto literário, pois enxergamos que este é o elemento que permite a narração de uma realidade tão cruel, que para a vítima muitas vezes é impossível descrever. Marta Traba, através de

seu engajamento político, propicia-nos, por meio de *Conversación al Sur* o terrorismo da ditadura, a tortura e o sofrimento pelos desaparecidos:

Em *Conversación al Sur*, Marta Traba desafia por meio da palavra a “autoridade” do regime. Escrevendo a partir de sua posição marginal de exilada, condena o regime ditatorial por uma narrativa testemunhal escrita na forma de conversação, na qual se projeta toda a violência do sistema militar: desamparo, dor, agonia, angústia, horror são sentimentos presentes todo momento no texto (MONTAÑEZ, 2013, p. 155).

O enredo decorre através de uma conversa entre duas mulheres, Irene, ex-atriz de 40 anos e Dolores, uma militante e escritora de 28 anos. É a memória do trauma das duas personagens que se faz presente nesta pesquisa. Testemunha da morte e desaparecimento de companheiros, Dolores passou pelo terror de ser perseguida e torturada. Escrevia por prazer e vaidade, depois sua escrita passou a ser um meio de defesa. “*Es curioso, pero la poesía me defiende de la vida y me defiende de la muerte. ¿Podés entender eso? Porque las dos cosas son una amenaza para mí*” (TRABA, 1981, p. 56)⁵.

A história se inicia com a chegada de Dolores em uma casa de praia isolada onde está Irene. A ex-atriz questiona o motivo daquela visita intempestiva. Em um momento ela recobra seu nome, seguido por outros fatos, “*¡Dios mío! Dolores, Dolores es su nombre. Menos mal que se acordó de repente. Al tiempo con el nombre recuerda todos los horrores conocidos y que de ninguna manera revolverá.*” (TRABA, 1981, p. 9)⁶. Nesta citação observamos a função principal da memória e que vai de acordo com a definição de Jack Le Goff (1994), onde ele afirma que através de funções psíquicas recobramos fatos passados ou que consideramos como tal.

Irene recordou da época em que atuava, enquanto Dolores e outros jovens viviam espalhados pela plateia, em meio às manifestações e fugas que tinham como refúgio o teatro. Ela adverte-se que a conversa entre elas será cheia de perigos, porque serão obrigadas a recordar fatos que foram traumáticos, como a tortura que Dolores sofreu grávida e o desaparecimento de seu filho e sua nora, dentre outras histórias.

⁵ É curioso, mas a poesia me defende da vida e me defende da morte. Você consegue entender isso? Porque as duas coisas são uma ameaça para mim. (Tradução nossa).

⁶ Meu Deus! Dolores, Dolores é seu nome. Menos mal que se lembrou de repente. Ao mesmo tempo com o nome lembra todos os horrores conhecidos e que de nenhuma maneira alterará. (Tradução nossa).

Como aponta Castro (2002), as reações emocionais que temos relacionadas a alguns episódios acarretam recorrentes recordações espontâneas e as pessoas que passaram por traumas estão propensas a lembranças involuntárias. A presença da garota tira Irene de uma zona de conforto, em que conseguia fugir da memória. Na citação também percebemos as ideias de Seligmann-Silva (2003) quando ele relata que não existe memória sem a sua resistência, representada pelo desejo da personagem em se defender da memória:

Deberá tener mucho cuidado de no hablar de niños, ni menos de embarazo; ni mencionar que la compañera de su hijo está embarazada, casi de cuatro meses, para peor. Le da vértigo pensar en qué sitio de Chile estarán pateándola. ¿No fue a patadas qué? Claramente advierte que la conversación estará erizada de peligros. (TRABA, 1981, p. 9).⁷

Durante a conversa surgem muitas recordações, principalmente sobre a época em que conviveram. Irene deseja perguntar por um dos jovens militantes que acompanhavam Dolores, no entanto, para ela é ruim perguntar por pessoas que foram mortas, torturadas e desaparecidas, porque as respostas são perturbadoras e passam uma desagradável sensação de alegria por ter sobrevivido, uma satisfação diante da desgraça alheia:

Quisiera preguntarle por Tomás pero se cohibe; ésta es la peor parte desde que ha vuelto a Montevideo; preguntar por gente que de fijo ha muerto, ha sido torturada o ha desaparecido. No sólo le perturban esas respuestas sino que no puede evitar la desagradable sensación de que las dan como complaciéndose en ellas. El refocilo del sobreviviente, puede ser; pero es duro de admitir. Como si la adivinara, la muchacha dice: Tomás está preso. Al principio sabíamos dónde, ahora no. Cuando quieren que alguien se les pierda, no hay nada que hacer. - ¿Cómo así que se les pierda? - Es un modo de decir. Mientras no toques los huesos, o las cenizas, o la tapa de un cajón, o aparezca un pedazo flotando en el río, o te tiren una mano (TRABA, 1981, p. 24).⁸

⁷ Deverá ter muito cuidado de não falar de crianças, nem de gravidez; nem mencionar que a companheira de seu filho está grávida, de quase quatro meses, para piorar. Lhe dá vertigem pensar em que lugar de Chile estarão chutando-a. Não foi a chutes que? Claramente adverte que a conversa estará ouriçada de perigos. (Tradução nossa).

⁸ Queria perguntar por Tomás, porém contem-se; esta é a pior parte desde que voltou a Montevideo; perguntar por gente que realmente morreu, foi torturado ou desapareceu. Não só lhe perturbam essas perguntas, além de que não pode evitar a desagradável sensação de que elas dão como complacente nelas. A alegria do sobrevivente, pode ser; mas é duro de admitir. Como se adivinhasse, a garota diz: Tomás está preso. Ao princípio sabíamos onde, agora não. Quando querem que alguém se perca, não há nada que fazer.

Através desta citação, compreendemos quando Halbwachs (1968) afirma que para a nossa memória beneficiar a de outras pessoas, deve haver pontos de contato, para que as lembranças trazidas sejam reconstruídas sobre uma mesma base. Isso ocorre entre Irene e Dolores, pois elas conviveram e vivenciaram juntas as mesmas situações. Desta forma, elas apontam suas próprias lembranças e recorrem-se para restituir um mesmo passado.

O desaparecimento foi um dos grandes traumas da ditadura. Não era interesse que os corpos aparecessem ou fossem identificados porque eles eram a prova das atrocidades. Os corpos de que se tinham notícia eram aqueles que eram comunicados pela televisão, *“Fueron muertos los subversivos fulano, zutano y mengano al intentar un assalto, etcétera”* (TRABA, 1981, p. 122)⁹. Esta era a justificativa para todas as repressões e assassinatos, além de manipular os demais a se colocarem contra os militantes.

O inconformismo, a revolta e o desejo de recuperar os corpos, vivos ou mortos, que levava milhares de mulheres a se reunirem todas as quintas-feiras na Plaza de Mayo em Buenos Aires-Argentina com panos brancos na cabeça, para exigir notícias e atitudes das autoridades perante o desaparecimento de seus familiares. *“Oyó vagamente, que se reunían todos los jueves en Plaza de Mayo llevando las listas y las fotos de los desaparecidos”* (TRABA, 1981, p. 82)¹⁰. Irene é a representação dessas mulheres, que o sistema insistia em ignorar, pois, para Montañéz (2013), quando a memória oficial ia cumprindo seu papel de apagar os atos criminosos da ditadura, restavam os protestos dos familiares das vítimas, das memórias e narrativas, como as testemunhais.

Dolores considera que não foi torturada, mesmo tendo chegado a abortar por causa de chutes proferidos em sua barriga. Porém, Irene a questiona e não compreende o que levaria uma pessoa a não considerar esse ato como tortura. Poderia ser a gravidade dos demais episódios a que Dolores foi exposta ou o fato de estar viva. O último motivo é mais forte, pois, muitos não tiveram a possibilidade de lembrar e de testemunhar:

– Como assim que se perca? – É um modo de dizer. Enquanto não toque os ossos, ou as cinzas, ou a tampa do caixão, ou apareça um pedaço flutuando no rio, ou te joguem uma mão. (Tradução nossa).

⁹ Foram mortos os subversivos fulano, sicrano, y beltrano ao tentar um assalto, etcetera. (Tradução nossa).

¹⁰ Olhou, vagamente, que se reunião todas as quintas na Praça de Maio levando as listas e as fotos dos desaparecidos. (Tradução nossa).

[...] Dolores seguía diciendo que se consideraba bien librada porque únicamente la habían hecho abortar a patadas en cambio de torturarla. Entonces, ¿eso no era tortura? [...] Tortura es otra cosa, no te hagas la distraída. De pronto se puso a clasificar las torturas como si hablaba de especies vegetales. [...] Mientras fumamos un cigarrillo o tomamos un café es posible comentar que a alguien le han hecho tragar sus excrementos o beber su orina; [...] Esas cosas pueden ocurrir, continuaba Dolores, lo importante es sobrevivir y cuando eso te pasa, ya no soy el mismo, ¿viste? Es algo muy raro, algo como si al mismo tiempo te hubieran reventado de por vida y te regalaran la inmortalidad. Debía ser así para que, tirada boca arriba, desnuda y pateada hasta que desmayó, en el sexto mes de su embarazo, se considere una favorecida por la suerte puesto que está aquí, ahora, charlando conmigo de la desdicha de los otros (TRABA, 1981, p. 46).¹¹

Nesta citação como nas demais que seguem, podemos perceber o que Seligmann-Silva (2003) apontou da memória e de seu caráter de agrupamento de imagens. Através do simbólico e das imagens que ficaram dos fatos, a narrativa vai sendo construída. Com a saída do hospital, Dolores passou a viver angustiada pelo medo de ser presa novamente. Ela conheceu na pele o que foi a tortura e lhe atormentava a possibilidade de vivenciar novamente aqueles momentos ou piores. Qualquer coisa seria melhor do que ser presa, talvez a morte seria a única alternativa para escapar daquele tormento:

¿Por qué no se atrevía a llevar consigo, como tantos otros, el comprimido con el veneno para un inevitable caso de acorralamiento? Tendría que hacerse de coraje de una vez por todas. Lo cierto es que no podría ir de nuevo presa, no podría entrar de nuevo a una pieza parecida a aquella otra, no podría volver a oír la orden de desvestirse, no iba a poder aguantar la primera patada. ¿O esta vez la picana? ¿Y cuántas veces se había hecho furiosamente el propósito de no pensar?

¹¹ [...] Dolores seguia dizendo que se considerava bem livrada porque unicamente a fizeram abortar a chutes ao invés de torturá-la. Então, Isto não é tortura? [...] Tortura é outra coisa, não se faça de distraída. Logo começou a classificar as torturas como se falasse de espécies vegetais. [...] Enquanto fumamos um cigarro ou tomamos um café é possível comentar que alguém a fez engolir seus excrementos ou beber sua urina; [...] Essas coisas podem ocorrer, continuava Dolores, o importante é sobreviver e quando isto acontece, já não sou o mesmo, viu? É algo muito raro, algo como se ao mesmo tempo te fizessem reinventar pela vida e te presenteassem a imortalidade. Devia ser assim para que, tirada de barriga para cima, nua e chutada até que desmaiou, no sexto mês de sua gravidez, se considere uma favorecida pela sorte posto que está aqui, agora, conversando comigo da desgraça dos outros. (Tradução nossa).

¿No había modo de escapar del infierno de la memoria? (TRABA, 1981, p. 119).¹²

A perseguição da memória era implacável, não podiam esquecer o que lhes aconteceu. Dolores e Irene viam que nada poderiam fazer. Muitas vezes, a jovem se dividia entre o sentimento de esquecer e o desejo de vingança, mas, para que houvesse possibilidade de vingança, não poderia haver esquecimento. Diante deste conflito ela esforçava-se para recordar:

Ahora vivía tratando, al tiempo, de olvidar y de vengarme, lo cual era imposible porque, para vengarme, no podía olvidar. Hacía un esfuerzo por recordarme a mí misma con la frente en tierra, en aquella calle color tiza del cementerio nuevo, aullando por Enrique. O debía reconstruirme otra vez y otra vez y otra vez en la cama del hospital, con el cuerpo roto a patadas, atada a un tubo goteando suero, despertándome de a poco en medio del blanco total [...] pensando lentísimamente, len-tí-si-ma-men-te: ¿nació? ¿a-qué-hora? Tratando con desesperación creciente de acordarme en qué momento me llevaron al hospital, ¿cuándo nació? ¿dónde está? ¿dónde estaba yo antes de que me llevaran al hospital? ¿quién me llevó, si no fue Enrique? Hasta que veo, siempre de golpe y siempre nítidamente, la pieza de la cárcel [...] ¿el niño? ¡Ah, la niña! Pobrecita, casi del todo formada. La enfermera me agarraba la mano. Comprendí que cada vez que intentaba reconstruir por qué estaba allí, en esa pieza blanca, y llegaba al cuarto de torturas, me defendía volviéndome a perder en la tiniebla. Hasta que el cuerpo se repuso y se vio obligado a salir del túnel (TRABA, 1981, p. 133).¹³

¹² Por que não se atrevia a levar consigo, como tantos outros, o comprimido com o veneno para um inevitável caso de encarceramento? Teria que fazer de coragem uma vez por todas. O certo é que não podia ir novamente presa, não podia entrar de novo em uma peça parecida a aquela outra, não podia voltar a ouvir a ordem de se desvestir, não ia poder aguentar o primeiro chute. Ou esta vez a picana? E quantas vezes havia feito furiosamente o propósito de não pensar? Não havia modo de escapar do inferno da memória? (Tradução nossa).

¹³ Agora vivia tratando, ao tempo, de esquecer e de me vingar, o qual era impossível porque para me vingar, não podia esquecer. Fazia um esforço por me recordar a mim mesma com a testa na terra, cor de giz do cemitério novo, uivando por Enrique. Ou devia reconstruir-me outra vez e outra vez e outra vez na cama do hospital, com o corpo quebrado de chutes, atada a um tubo goteando soro, despertando de a pouco em meio do branco total [...] pensando lentamente, len-ta--men-te: nasceu? que horas? Tratando com desespero crescente de lembrar em que momento me levaram ao hospital, quando nasceu? onde está? Onde eu estava antes de me levarem ao hospital? Quem me levou, se não foi Enrique? Até que vem, sempre de repente e sempre nitidamente, a peça da cadeia [...] ou menina? Ah, a menina! Pobrezinha, quase de tudo formada. A enfermeira me agarrava a mão. Compreendi que cada vez que tentava reconstruir porque estava ali, nessa peça branca, e chegava ao quarto de torturas, me defendia voltando a me perder nas trevas. Até que o corpo se repõe e se ver obrigado a sair do túnel. (Tradução nossa).

Neste trecho percebemos que o tempo não instala o esquecimento e o perdão, pois conforme afirma Pollak (1987, p. 9), “[...] os dominantes frequentemente são levados a reconhecer, demasiado tarde e com pesar, que o intervalo pode contribuir para reforçar amargura, o ressentimento e o ódio dos dominados, que se exprimem então com os gritos da contra violência”.

Marta Traba, em um momento da narrativa, leva suas personagens a questionar o papel dos telespectadores, aqueles que não interferiram no conflito entre militares e rebelados. Irene afirma que compreende as razões políticas, o espírito conservador e o fascismo da classe média, mas é impossível compreender a aceitação de que... *“Iba a decir “le meta un palo por la vagina a una muchachita hasta que le rompa todos los órganos”, porque esa historia real la torturaba, pero se calló y se agarró la cabeza”* (TRABA, 1981, p. 167).¹⁴

Esta insensibilidade ocorria porque as pessoas não se identificavam com as vítimas, os detentores do poder conseguiram convencer a maioria de que os militantes eram uma ameaça para a sociedade. Por esta questão, Pierre Nora (2010), ressalta que existe uma luta pelo domínio e manipulação da memória e Le Goff (1994) ressaltou que a memória coletiva é um objeto de poder.

Essa disputa é uma das principais preocupações das classes, dos grupos e dos indivíduos que sempre tiveram em posição dominadora nas sociedades históricas, que desejam apoderar-se da memória para que continue oculto o que não é interessante ser lembrado. O problema não estava no regime ditatorial e na abstenção dos direitos humanos, o mal eram os subversivos aqueles que iam contra a ordem e qualquer ato contra eles era por legítima defesa:

Legítima defensa contra una niña de tres años que lleva a la espalda un cartel que dice “¿qué han hecho con mis padres y mis abuelos? Yo lo vi en Plaza de Mayo. – No es una niña, es la hija y nieta de los

¹⁴ Ia dizer “lhe meta um pau pela vagina a uma garotinha até que lhe rompa todos os órgãos. (Tradução nossa).

monstruos; se liquidaría sin remordimientos. – Es un horror – dijo al rato Irene en voz baja (TRABA, 1981, p. 168).¹⁵

É com essa perplexidade que Irene não entende os motivos que levam jovens como Dolores a enfrentar a dor e a morte para lutar contra a injustiça e o autoritarismo, mas como disse a escritora de poemas,

¿No era suficiente, acaso, la confianza en los objetivos finales de la lucha? Otra vida para la gente, sin humillaciones, sin injusticias, sin represión; el corazón se le ensanchó. Pero al mismo tiempo no podía alejar de su memoria el plantón a patio descubierto y comenzó a sudar de la angustia. (TRABA, 1981, p. 146).¹⁶

A personagem concluiu que não podia distanciar de sua memória um determinado fato que lhe aconteceu e que isso lhe deixou angustiada. Esta citação está de acordo com as ideias de Seligmann-Silva (2003), quando ele aponta que não podemos controlar nossa memória e que a intensidade do evento traumático irá determinar o que vira à tona.

A sensação de conforto em recordar e falar é apontada por Pollak (1989) como o duplo desejo de testemunhar e esquecer para assim seguir uma vida normal. Como vemos, a personagem expressa um sentimento satisfatório de falar de fatos do seu passado que ela sempre relutou a pensar e, como afirma Sarlo (2006), repensar o futuro depois de um longo silêncio, representa a busca de uma significação para as experiências vividas.

A forma como Marta Traba construiu sua obra e as personagens expõem suas dores, seus sentimentos e pensamentos, nos leva a observar a história na perspectiva das vítimas de violência, perseguição e repressão. A ditadura produziu traumas históricos e fraturas na memória, por isso Viñar (1993) considera que silenciar não é prática saudável, pois verbalizar os conflitos e ressentimentos é uma forma de retomamos a memória e seguir para um esquecimento construtivo. Assim, a memória deve atuar de forma que liberte os indivíduos de fatos traumáticos e que são motivos de perturbação.

¹⁵ Legítima defesa contra uma menininha de três anos que leva nas costas um cartaz que diz “que fizeram com meus pais e meus avós? Eu vi na Praça de Maio. – Não é uma menininha, é a filha e neta dos monstros; liquidaria sem remorsos. – É um horror – disse ao mesmo tempo Irene em voz baixa. (Tradução nossa).

¹⁶ Não era suficiente, acaso, a confiança nos objetivos finais da luta? Outra vida para a gente, sem humilhações, sem injustiças, sem repressão; o coração se alargou. Mas ao mesmo tempo não podia afastar de sua memória a espera a pátio descoberto e começou a suar da angústia. (Tradução nossa).

Referências:

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Textos escolhidos de Benjamin*, Habermas, Horkheimer e Adorno (Os pensadores). São Paulo: Abril cultural, 1983. p.57-74.
- COBO BORDA, Juan Gustavo. “*Marta Traba: persona y obra*”. *Texto Crítico*. 31(1985). p. 318-339.
- CALDAS, Bárbara. A voz do outro em evidência: a literatura testemunho na América latina. *Revista Litteris*, n. 5, 2010. Disponível em: <https://www.revistalitteris.com.br/blank-14>.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991. ISBN: 85-11-01251-6.
- CASTRO, Joselaine Sebem de. Emoção e memória: Reflexões sobre a influência dessa relação na aprendizagem da leitura. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n.2, p.25-36, 2002.
- GRANDIS, Rita de. Lo histórico y lo cotidiano en Operación Masacre de Rodolfo Walsh: del suceso a la guerra popular. *Centro virtual Cervantes*. v. XI, AIH Actas, p.306-313, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. In: POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.
- HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9-40.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. p. 423 - 477.
- MONTAÑEZ, Amanda Pérez. Jogos de sedução. In: MONTAÑEZ, Amanda Pérez. *Vozes do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba*. Londrina: Eduel, 2013. p. 109 -176.
- MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. p. 480-515.
- NORA, Pierre. Realms of Memory: the construction of the French Past. Nova Iorque: Columbia University Press. In: CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. *Revista Espaço Acadêmico*. Paraná, n.108, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- SARLO, Beatriz. Una alucinación dispersa en agonía. In: VIDAL, Paloma. Memória em desconstrução: da ditadura à pós-ditadura. *Alea - Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, v.8, n.2, 2006.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: A literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 45-58.
- _____. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p.65-82, 2008.
- _____. O Testemunho: Entre a ficção e o “REAL”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 371-385.

_____. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 59-88.

TRABA, Marta. *Conversación al Sur*. México: Siglo XXI editores, 1981.

VIÑAR, Maren; VIÑAR, Marcelo. *Fracturas de memoria: crónicas para una memoria por venir*. Montevideo, Uruguay: Ediciones Trilce, 1993. 139 p.